

ESCREVIVÊNCIAS LIBERTADORAS: UM DIÁLOGO TEÓRICO COM MULHERES NEGRAS PARA A PROMOÇÃO DE UMA PRÁTICA EMANCIPATÓRIA

Hélio Júnior Rocha de Lima¹

Marília Carla da Costa Menezes²

Resumo

A presença do corpo feminino negro, foco de nossa escrita, nos ambientes sociais é cercada por diferentes formas de estereótipos e invisibilidades que levam ao preconceito. Como podemos ver praticamente todos os dias nos noticiários de televisão aberta, onde há denúncias de casos de violência e segregação. O nosso país continua trazendo marcas do colonialismo e da escravidão, ao apresentarmos narrativas em que esse corpo é desumanizado, seja pela sexualização exacerbada, pela relação com trabalhos domésticos ou ainda, a redução de sua identidade à cor de sua pele e seus traços fenotípicos.

Em um contexto em que corpos e saberes africanos foram historicamente silenciados, a literatura feminina de autoria negra surge como uma voz que nos faz repensar certas práticas pedagógicas, por vezes, excludentes. Pretendemos com este artigo discutir as contribuições dessas autoras, com destaque para o processo de *escrevivência* proposto pela escritora Conceição Evaristo, como prática educativa libertadora, enfatizando a valorização da identidade e o combate a padrões opressores.

Para tanto, este resumo possui como metodologia uma pesquisa qualitativa, o que para os alicerces da pedagogia freiriana, entende a educação como uma ação política, ética e estética, realizada em conjunto com os sujeitos e suas vivências. Bogdan e Biklen (1994), enfatizam que a pesquisa qualitativa é uma investigação que busca enxergar o mundo a partir da perspectiva dos indivíduos envolvidos, levando em consideração o contexto no qual as situações acontecem e prioriza a profundidade das interpretações sobre as informações coletadas.

Abordar questões de racismo e desigualdade de gênero no âmbito escolar surgem como uma necessidade urgente em rever algumas práticas pedagógicas contemporâneas. Ao passo em que a sociedade vai evoluindo e se diversificando, a escola deve acompanhar esse modelo social e refletir essa pluralidade de conhecimentos. As mulheres negras, nosso foco de pesquisa, ocupam uma função inferiorizada e por vezes, marginalizadas nestes

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em Estudos da Linguagem – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. heliojunior@uern.br

² Mestranda em Educação pelo programa de Pós Graduação em Educação-POSEDUC/ UERN. Graduada em Letras na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. marilia2023100718@alu.uern.br



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



questionamentos, sendo suas experiências e vivências silenciadas pelos padrões raciais e de gênero.

Ao inserirem textos literários que retratem a diversidade de vozes e vivências negras, os docentes possibilitam oportunidades para que seus alunos participem com propriedade de discussões que envolvam identidade, cultura e sociedade. Tal prática permite, além de ampliar a criticidade sobre temas relevantes para o processo de ensino e aprendizagem, como o reconhecimento intercultural entre eles.

A exemplo disso, a autora contemporânea Conceição Evaristo (2017) nos apresenta a proposta da *escrevivência* como forma de registro escrito que tem como primícias as vivências coletivas das mulheres negras, insurgindo para combater o silenciamento e a resignificação das memórias e de seus corpos. Implementar essa prática dentro do cotidiano escolar passa a ser vista como um ato de resistência, com narrativas que desmistificam estigmas e valorizam as subjetividades.

Paulo Freire (2011), afirma que a educação libertadora é aquela que rompe com a ideologia da educação bancária e passa a enxergar os indivíduos como protagonistas do próprio conhecimento. No que concerne as relações étnico raciais, significa a promoção de uma pedagogia que não apenas denuncie o preconceito, mas que apresente caminhos para seu enfrentamento e superação.

A ausência de africanidades nos currículos não apenas deslegitima saberes africanos, como também reforça a visão eurocêntrica. Evaristo destaca a necessidade de uma *escrevivência*, uma forma de escrita que se origina da experiência e vivência das mulheres negras, como instrumento de resistência e valorização das culturas africanas e afro-brasileira.

Na prática, a aplicabilidade da temática é mais complexa do que parece, pois, mesmo podendo ser desenvolvida em diferentes atividades pedagógicas como: análise de textos literários de autoras femininas negras, trabalhos e pesquisas sobre as culturas de matriz africana presentes no Brasil, dentre outras. O ensino acerca das africanidades apresenta muitas barreiras, principalmente na formação mais aprofundada dos professores, a resistência que persiste em algumas esferas da sociedade e a insuficiência de materiais didáticos adequados, impossibilitam, muitas vezes a implementação eficaz das africanidades.

Nesse viés, ressaltamos a importância da função da escola em garantir que o estudo e ensino das africanidades não seja apenas uma abordagem superficial ou complementar, mas sim, parte integrante do currículo educacional e da formação continuada de professores. Promovendo uma cidadania crítica e plural, permitindo a construção de uma igualdade racial e a valorização da cultura africana e afro-brasileira para a construção do Brasil.

Acerca dessa premissa, Paulo Freire (1996) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1996, p. 9), mostrando que a educação tem o dever de problematizar a realidade dos educandos.

O termo *escrevivência* acabou por se tornar uma possibilidade metodológica para o trabalho docente. Pensar o texto literário como uma proposta diaspórica e universal é em sua essência o que Evaristo (2020) nos ensina, como escrever a realidade. A escrita de mulheres negras é uma forma de dar voz a um corpo que foi silenciado por séculos e romper com narrativas que desumanizam essas mulheres.

A escrita como ato político, nos remete ao pensamento freireano de que a alfabetização deveria ser um processo de escuta do sujeito e de valorização de suas vivências. A narrativa de Conceição Evaristo, conhecida como *escrevivência*, revela uma íntima relação



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



com os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire, ao construir histórias a partir das marcas deixadas pela experiência do corpo, da ancestralidade e da memória.

Pensar em uma pedagogia participativa e engajada pressupõe o conceito de educação que surge no estímulo e no desejo de pensar. O aprendizado passa a se produzir no momento em que estudantes e professores interagem e passam a ter uma relação horizontal. Para tanto, é necessário conhecer de fato o alunado, de onde vêm, o que trazem de conhecimento prévio consigo, suas histórias. O envolvimento dialógico gera consciência e percepção do que será estudado (Hooks, 2020).

Paulo Freire (2011), através do conceito de assunção de si, nos oportuniza compreender alunos e professores como sujeitos históricos e completamos essa definição com a contribuição de Hooks (2020) sobre como as histórias individuais encontram espaço na sala de aula e desestruturam o conceito de uma história implicitamente neutra. Assim, uma proposta de assunção de si e inclusão de uma prática pedagógica de emancipação se interrelacionam com a *escrevivência* de Evaristo (2020), que é “[...] uma ação que pretende barrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz das mulheres escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas” (Evaristo, 2020, p. 30).

Os textos literários poderiam ser trabalhados nas turmas de 9º ano do ensino fundamental – importante frisar que a escolha por essas turmas se dá pelo fato de ser o último ano do ensino fundamental e onde a disciplina de língua portuguesa começa a se subdividir, além de gramática e redação, em introdução à literatura - como forma de uma breve introdução sobre o que será discutido e, em seguida, realizar um levantamento do conhecimento prévio dos estudantes acerca do racismo feminino.

O combate ao racismo estrutural no ambiente escolar constitui um dos maiores desafios contemporâneos para a educação brasileira. As desigualdades raciais se manifestam não apenas em índices de evasão escolar e dificuldade de acesso, mas também na perpetuação de estigmas e configurações que incidem, sobretudo, sobre o corpo da mulher negra. É nessa ideia que o diálogo interdisciplinar entre teoria da imagem, pedagogia crítica e narrativas de autoria negra pode oferecer alternativas concretas de resistência e transformação social.

A literatura de Evaristo foi escolhida como o meio para visibilizar as narrativas das mulheres negras brasileiras, destacar suas potências, ancestralidades e resgatar suas histórias que foram silenciadas, por séculos, na história nacional. Dessa maneira, o pensamento de autoras como Grada Kilomba e Evaristo não apenas denuncia a estrutura colonial e racista que sustenta o sistema educacional, mas também oferece caminhos para reconstruí-los a partir de uma escuta crítica e afetiva.

Palavras-chave: Africanidades. Autoras Negras. *Escrevivências*. Pedagogia Antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Trad. Maria João Ávila de Azevedo; Sara Bahia. Porto: Porto Editora, 1994.

COLLINS, Patricia Hill. *Imagens de controle: um conceito de pensamento de Patricia Hill Collins*/ Winnie Bueno. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO UERN





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, B. *Ensinando pensamento crítico*: sabedoria na prática. São Paulo: Elefante, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

